

ENTERRAMENTOS INFANTIS TARDO- -ANTIGOS NA RUA DE S. NICOLAU (LISBOA)

Sílvia Casimiro / IEM / FCSH-UNL / CRIA / smcasimiro@gmail.com

Rodrigo Banha da Silva / CAL / C.M.L. / FCSH-UNL / rodb@netc.pt

RESUMO

Uma intervenção arqueológica de salvamento, desenvolvida em 1997 pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade (Lisboa), identificou três enterramentos infantis na zona da esquina NE do cruzamento da Rua de São Nicolau com a Rua dos Douradores (RSN₃), em plena Baixa lisboeta. A relação destes elementos com as entidades arqueológicas da envolvente, em particular uma zona de acumulação detrítica e vestígios de uma construção (RSN₄), permitem articular a informação e postular a existência de um espaço funerário datável da Antiguidade Tardia, presença cujo significado urbanístico se analisa aqui.

ABSTRACT

During a rescue archaeological excavation, carried out in 1997 by the Archaeology Service of the City Museum (Lisbon), three infant burials were identified in the NE corner of the intersection of Rua de São Nicolau to Rua dos Douradores (Sond.2) in Downtown Lisbon. The relation of these elements with the surroundings archaeological entities, particularly a detritic accumulation (Sond.3) and construction zone (Sond.4) allow to articulate the information and postulate the existence of a late antique funerary space, presence whose urbanistic significance is analyzed here.

1. INTRODUÇÃO

A renovação da rede de telecomunicações e gás no subsolo da Baixa lisboeta revelou, em 1997, um importante conjunto de elementos respeitantes à cidade romana e da tardo-antiguidade.

No quarteirão mais a sul da Rua dos Douradores os trabalhos revelaram a pouca profundidade, e por isso já afectados por acções urbanas anteriores, restos construtivos dos espaços oficinais de produção piscícola em funcionamento ao longo da Época Romana Imperial (Sepúlveda *et al.*, 2003), sobejamente conhecidos noutros pontos do antigo subúrbio de *Olisipo* que se desenvolvia no Vale da Baixa (Bugalhão, 2001).

De igual forma, na mesma zona constatou-se que os trabalhos de reconstrução de Lisboa que se seguiram ao cataclismo de 1755 obliteraram de forma generalizada os vestígios de ocupações posteriores ao período do Dominado. Assim, os elementos que agora se apresentam mostravam-se muito fragmentários

e incompletos. Contudo, a raridade de vestígios com esta cronologia em Lisboa, como a especificidade do segmento etário dos inumados representados, justificam o presente estudo.

2. ENQUADRAMENTO DA ÁREA FÚNEBRE

No período imperial a área do primeiro quarteirão sul da Rua dos Douradores evidenciou, como fizemos referência antes, uma forte presença de unidades de produção piscícola, que o condicionamento à cota de obra dos trabalhos arqueológicos efectuados em 1997 não permitiu reconhecer de forma mais ampla. Note-se, aliás, que uma intervenção em curso no antigo Convento do Corpus *Christi* (O Corvo) veio corroborar de maneira sólida a leitura antes produzida (Sepúlveda *et al.*, 2003), e que os dados agora estudados foram identificados junto à fachada do antigo espaço religioso de origem seiscentista. Para este da área fúnebre assinalada em RSN₃, e sem relação estratigráfica directa com ela, foi iden-

tificada uma sequência onde consta um depósito de acumulação detrítica [1012-4], uma lixeira, contendo abundante cerâmica em estado muito fragmentário. Apesar desta entidade indiciar a existência de uma estrutura negativa que a continha, nomeadamente por ter revelado materiais que testemunham a afectação de níveis mais antigos, da Idade do Ferro e Alto-Imperiais, ela encerra marcada coerência cronológica: a *terra sigillata* africana D domina amplamente, estando presentes os tipos Hayes 62?, 67, 67B e C (1x), 91(1x-2x?) e 99/104 ou afim (1x) (Sepúlveda *et al.*, 2003: p. 408-9, revisto); nas ânforas assinalam-se os tipos lusitanos Almagro 51C (3x), 50 (2x) e Lusitana 9 (1x) e, entre as cerâmicas comuns, é evidente o paralelo com os fabricos e as morfologias regionais correntes nos séculos IV e V d.C., com paralelos próximos na cetária da Rua dos Fanqueiros (Diogo e Trindade, 2000) e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001). As balizas cronológicas apontadas para o conjunto de cerâmicas finas de mesa aponta, com maior probabilidade, para uma formação gerada em torno de meados do séc.V d.C., embora seja admissível atingir a transição para a centúria seguinte, pelo mais (Bonifay, 2004).

Quase na confluência da Rua de São Nicolau com a dos Fanqueiros, na extremidade este da sondagem RSN4, foi detectado acima dos níveis que se supõe de lixeira do séc.V d.C. restos discretos da esquina de uma construção que se sobrepunha a eles. A fraca potência estratigráfica, e o facto de daquela estrutura se conservar somente a base do alicerce, impedem que se possa afirmar categoricamente tratar-se de uma evidência de edifício datado da Antiguidade Tardia.

Na sondagem RSN3, o complexo de depósitos de matriz arenosa grosseira foi rompido para a implantação de valas destinadas a inumações. Num dos casos, o da sepultura 3, a mais bem conservada do grupo, parece que a abertura da estrutura negativa ovalada rompeu uma outra anterior, pois no enchimento desta se identificaram a mandíbula e o maxilar superior de um quarto indivíduo. Segundo testemunho oral, na esquina oposta, do lado sul, as obras de rebaixamento em um piso de parte de um estabelecimento comercial, não peritadas arqueologicamente, terão provocado o aparecimento e destruição de outros enterramentos; bastante mais a sul, num depósito detectado na sondagem RDD2, [504], equivalente ao revolvimento e transporte de

terras em época contemporânea recente, foram colectados outros restos humanos de permeio com fauna mamalógica. Embora com a fragilidade óbvia dos dados enunciados, é legítimo entrever na área a existência de uma zona fúnebre mais vasta, de que os únicos elementos seguros disponíveis serão os que agora se tratam.

3. OS ENTERRAMENTOS INFANTIS DA RUA DE SÃO NICOLAU

Os dados estudados foram alvo de uma análise preliminar, segundo uma observação unicamente macroscópica. Na determinação da idade à morte foram utilizados o método de Maresh (1970), para o comprimento dos ossos longos e o método de Ubelaker (1979), para o desenvolvimento dentário. De notar que os restos osteológicos analisados não evidenciavam qualquer marca de trauma, malformação ou enfermidade.

Sepultura 1 – Identificada na extremidade oeste da sondagem RSN3. O contexto foi profundamente cerceado por acções urbanas recentes, tendo-se somente reconhecido parte de uma estrutura negativa contendo restos osteológicos. A profundidade do coval é indeterminável, dado que a sua zona superior foi também destruída pela instalação de infra-estruturas urbanas contemporâneas, desconhecendo-se se se encontrava originalmente assinalada ao nível do solo coevo.

O mau estado de conservação deste indivíduo impossibilitou a análise morfológica do mesmo, estando representado somente por pequenos fragmentos ósseos e uma costela. Ainda assim, e com frágil base comparativa, tratar-se-ia de um indivíduo com mais de 6 anos e menos de 10.

No enchimento foi colectado um pequeno fragmento inclassificável de fundo com canelura em *terra sigillata* africana clara D.

Sepultura 2 – Contígua, para este, à sepultura 1. Como a anterior, foi profundamente truncada por acções urbanísticas recentes, tendo-se apenas reconhecido alguns restos osteológicos em posição anatómica, sobretudo dos membros inferiores. Praticada no interior de coval, como para a anterior não existem dados que permitam entrever se estaria originalmente assinalada ao nível do solo coevo e, em caso positivo, a forma como esta seria feita.

O inumado, em decúbito dorsal, corresponde a um

indivíduo com idade compreendida entre os 2,5 e os 4 anos de idade, segundo o método de Maresch (1970).

Sepultura 3 – A este das anteriores, denota a inexistência de um espaçamento regular na abertura dos covais. Tratava-se do único caso onde se preservou a cobertura: quatro *imbrices* dispostos transversalmente à fossa de tendência ovalada, cobrindo a sua totalidade. Na sua abertura ter-se-á violado uma outra inumação anterior, documentada eventualmente por um depósito arenoso e com pedra de pequeno porte [813], onde se recolheram o maxilar e cerca de metade da mandíbula de um indivíduo com idade compreendida entre os 6 e os 10 anos de idade, a avaliar pelo método desenvolvido por Ubelaker (1979). Na mesma unidade estratigráfica colectou-se um fragmento de parede em *terra sigillata* de modo itálico (Sepúlveda *et al.*, 2003, revisto).

No enchimento da estrutura negativa da sepultura 3 [814] foram colectados dois fragmentos de taças distintas em *terra sigillata* focense tardia, um fundo do tipo Hayes 3 e um bordo da sua variante 3F (Hayes, 1972, 1980) como uma parede arqueada e com canelura interna em fabrico africano claro D, provavelmente assimilável ao tipo Hayes 104. O conjunto dos elementos de cerâmica fina de mesa do contexto fixam um *terminus post quem* para a prática fúnebre em finais do séc. V d.C., sendo aliás provável, em função destes e das características dos elementos de olaria de construção empregues na cobertura da sepultura, uma data dentro do séc. VI d.C.

O inumado na Sepultura 3 teria uma idade compreendida entre os 6 e os 12 meses de idade, de acordo com o método Maresch (1970).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discretos vestígios de uma área utilizada como espaço funerário na Rua de São Nicolau constituem um valioso contributo para a leitura da dinâmica urbana da Baixa lisboeta entre o final do Império Romano e a Antiguidade Tardia, dada a raridade deste tipo de evidências neste período.

Como hoje bem se conhece (Bugalhão, 2001), esta zona suburbana da cidade romana encerrou um importante carácter manufactureiro durante um espaço de tempo alargado. Os indícios colhidos na Sondagem 34 da Rua dos Correeiros (Fernandes, 1997), como num ponto do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (adiante NARC- Bugalhão,

2001), sugerem mostrar que no século III d.C., pela sobreposição a construções oficinais de estruturas de carácter habitacional ou termal pavimentadas a mosaico, poderá ter existido pressão urbanística suficiente para justificar a desactivação de *officinae* de *garum* e/ou que problemas na laboração justificaram a sua substituição por espaços com finalidades privadas, domésticas.

Num panorama que aparenta ser geral para a área suburbana ocidental de *Olisipo*, uma boa parte das unidades produtivas deixaria de laborar até meados do séc.V d.C.: o facto de sequências estratigráficas mostrarem o colapso de alguns telhados sobreposto no interior das cetárias a acumulações detriticas pré-existentes, onde as cerâmicas encerram estas datações, assim o sugere (Silva, 2011). Será neste quadro que se deverá integrar o depósito de lixeira identificado na sondagem RSN4, anterior às tumulações infantis que aqui se tratam.

Em função dos coerentes dados contextuais, articulados com as indicações cronológicas aferidas para as sepulturas, neste ponto da Baixa ter-se-á instalado no séc. VI d.C. uma área de necrópole, muito provavelmente mais vasta do que os elementos identificados em 1997. É difícil explicar porque apenas se registaram quatro indivíduos não adultos, com idades compreendidas entre os 6 meses e um máximo de 10 anos: a área tanto poderá equivaler a um espaço de sepultamento especializado, como a uma parte especializada dentro de um âmbito fúnebre maior e mais diversificado, como ainda ser o resultado de factores circunstanciais estritos. De qualquer das formas, ela traduz, para o período em causa, um cenário ocupacional distinto do identificado na área: na cetária da Rua dos Fanqueiros n.º77, num depósito algo potente, muito “limpo” e compacto, identificou-se um vaso globular com pegadeira alongada transversal ao bordo, que os autores designaram de “*tacho visigótico*” (Diogo e Trindade, 2000), com paralelos noutros contextos lisboetas do séc. VI d.C. (Silva e De Man, no prelo), panorama que tem correspondência em diversos pontos do NARC (Bugalhão, 2001), onde os hiatos na estratigrafia ou a ausência de outras evidências que não as deposicionais parecem também equivaler a uma não ocupação dos espaços, o que se repete igualmente no Rossio (Vale, 2000) e na vasta área da Praça da Figueira (inédito).

En sentido contrário, o interior da cidade protegida pela muralha tardia romana denuncia no séc. VI d.C. uma forte pressão urbanística, com a ocupa-

ção de áreas outrora do domínio público, casos da Sé (Amaro, 1995), do Teatro (Diogo, 1993) ou das Termas dos Cássios (Silva, 2012).

Qual, então, o fundamento para a utilização deste ponto específico da Baixa, numa época em que esta antiga área periférica da cidade parece registar um panorama de forte abandono? A leitura mais plausível é a de que esta presença se deverá ter relacionado com a passagem muito próxima do itinerário equivalente à antiga via romana que atravessava o vale, mais tarde fossilizada como eixo de primeira importância no urbanismo medieval e moderno de Lisboa, sendo impossível, em função dos elementos disponíveis, assegurar que a área fúnebre estaria associada à presença de um edifício religioso cristão, de que o resto construtivo detectado na sondagem RSN4 não é mais do que uma hipotética sugestão (Figura 1).

BIBLIOGRAFIA

AMARO, C. (1995) – “Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de Lisboa”, in *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 28-30 de Setembro / 1-2 de Outubro de 1992)*, Barcelona, Institut D'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona, U.N.L. (Col. *Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, IV), p. 337 - 342.

BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford, Archaeopress (Col. B.A.R., *International Series*, n.º 1301).

BUGALHÃO, J. (2001) – *A Indústria Romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: I.P.A. (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 15).

DIOGO, A. M. D. (1993) – “O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as atuais escavações”, in *Teatros Romanos de Hispania*. Múrcia, Collegio de Arquitectos de Múrcia (Col. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, n.º 2), p.217 - 224.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, Laura (2000) – “Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, n.º 1. Lisboa, IPA, p. 181-205.

FERNANDES, L. (1997) – *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental (Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)*. Lisboa, F.C.S.H.-U.N.L. (policopiado).

HAYES, J.W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Roma, British School of Rome.

HAYES, J.W. (1980) – *Supplement to Late Roman Pottery*. Roma, British School of Rome.

MARESH, M.M. (1970) – Measurements from roentgenograms. In: *Human Growth and Development* (R.W. McCammon, Ed.), p. 157–200. Springfield IL, C.C. Thomas.

SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R.B. (2003) – “A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1- *A terra sigillata*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 6, fasc. 2. Lisboa, IPA, p. 401 - 414.

SILVA, R.B. (2011) – “Olisipo”, in *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana Omenage a X.Dupré i Raventós*. Mérida, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anexos del Archivo Español de Arqueología*, n.º LX), p. 201 - 213.

SILVA, R.B. (2012) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia)*. Lisboa, F.C.S.H.-U.N.L. (policopiado).

SILVA, R.B.; DE MAN, A. (no prelo) – “O contexto da Antiguidade Tardia do Palácio dos Condes de Penafiel”, in *Actas do Simpósio «Nova Lisboa Medieval»*. Lisboa, F.C.S.H.-U.N.L.

UBELAKER, D. H. (1979) – *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis and Interpretation*. Washington, Smithsonian Institute Press.

VALE, A.P. (2000) – *Relatório da Intervenção Arqueológica na Praça D.Pedro IV (Lisboa)*, vol. II. Lisboa, Ippar (policopiado).

O CORVO: <http://ocorvo.pt/2013/06/17/vestigios-da-lisboa-romana-encontrados-entre-a-rua-dos-douradores-e-a-rua-dos-fanqueiros> (consultado em 17/06/2013).

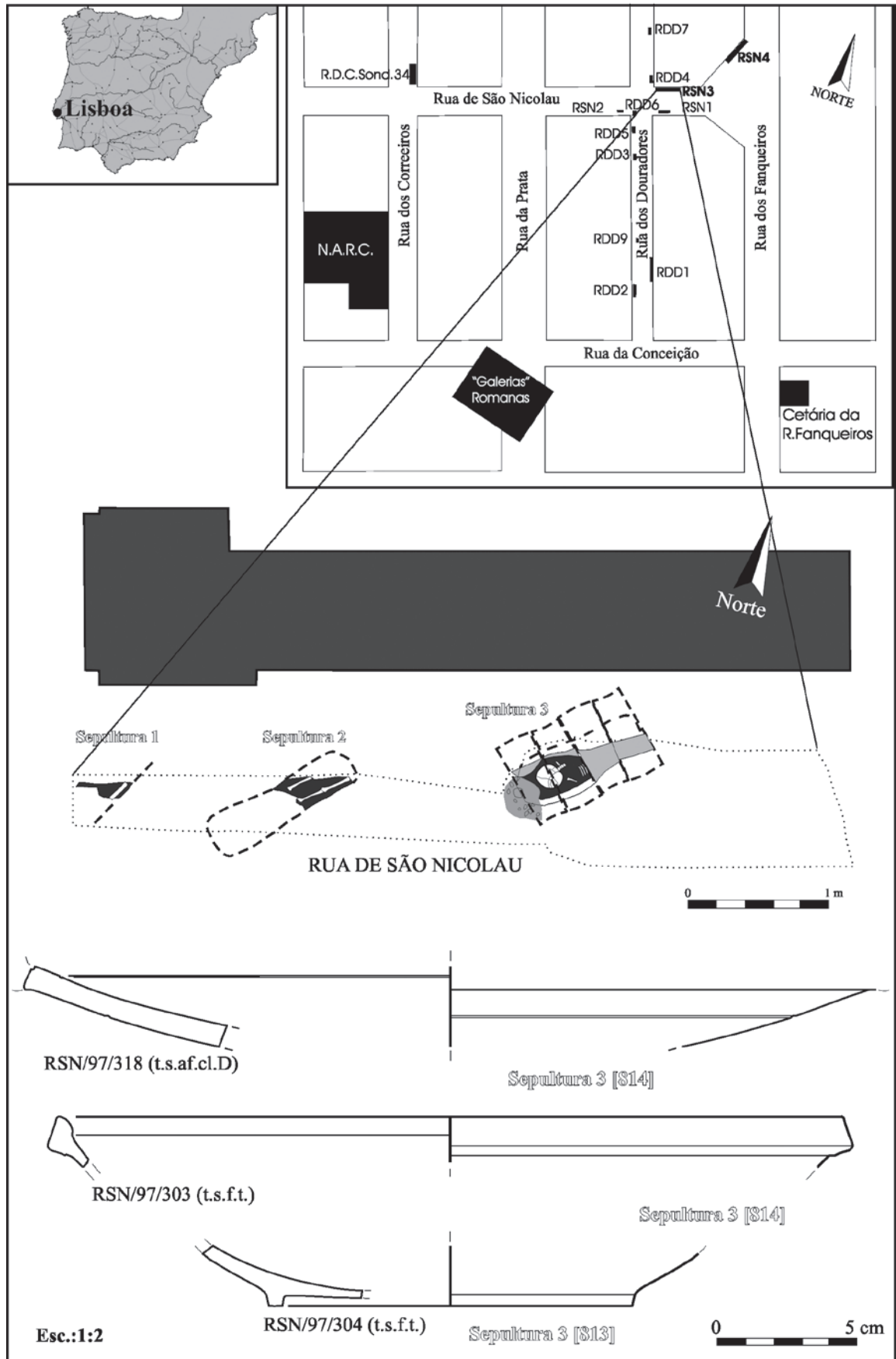


Figura 1 – Localização, plaimetria e elementos materiais datantes colectados nas sepulturas tar-do-antigas da Rua de São Nicolau (Lisboa).